



Uma greve das mulheres em 2026

Coffee break



Bárbara Reis

No Verão de 1980, Vigdís Finnbogadóttir, divorciada e mãe solteira, foi eleita Presidente da Islândia e, com isso, entrou para o Guinness: foi a primeira mulher do mundo a ser eleita democraticamente chefe de Estado.

Vigdís (na Islândia, dizem-me, todos se tratam pelo nome próprio) foi Presidente durante tanto tempo – 16 anos – que muitas crianças cresceram a pensar que ser Presidente era um “trabalho de mulher”, tal como ser costureira é visto como um “trabalho de mulher” e montar tijolos nas obras é visto como um “trabalho de homem”.

Mas Vigdís conta sempre que nunca teria sido Presidente se não tivesse havido a greve de 24 de Outubro de 1975.

Nesse dia, 90% das mulheres da Islândia fizeram greve e o país parou.

Há uns anos, num aniversário redondo, a BBC contou que, “em vez de irem para o escritório, fazerem tarefas domésticas ou cuidarem dos filhos, milhares de mulheres saíram à rua para reivindicar direitos iguais aos dos homens”: “Bancos, fábricas e lojas tiveram de fechar, assim como escolas e creches, deixando muitos pais sem escolha a não ser levar os filhos para o trabalho. Houve relatos de homens que se artilharam com doces e lápis de cor para entreter os filhos nos seus locais de trabalho. As salsichas, fáceis de cozinhar e populares entre as crianças, foram tão procuradas que as lojas esgotaram o stock.”

A greve foi transversal e juntou mulheres de muitas idades e profissões, de médicas, professoras e juízas a operárias e “doras de casa”. Entrevistada pela BBC, Vigdís contou que, no dia da greve, se ouviam “crianças a brincar ao fundo enquanto os locutores liam as notícias na rádio”, e que foi “ótimo ouvir isso”, percebendo que, por um dia, “os homens tinham de cuidar de tudo”.

Houve mais de 20 manifestações no país. Vigdís foi à de Reiquiavique, na Praça Central, com a mãe e a filha bebé. Num país de 220 mil habitantes (agora são quase 400 mil), só a manifestação da capital juntou 20 mil mulheres. Na altura, Vigdís era directora artística da Companhia de Teatro de Reiquiavique.

É por isso que, na Islândia, o 24 de Outubro de 1975 é conhecido como Dia de Folga das Mulheres, mas também como Longa Sexta-Feira – os homens sentiram que o dia nunca mais acabava e as crianças nunca mais iam para a cama. “O que aconteceu naquele dia foi o primeiro passo para a emancipação das mulheres na Islândia”, diz Vigdís. “A greve paralisou completamente o país e abriu os olhos de muitos homens.”



Vigdís Finnbogadóttir foi a primeira mulher do mundo a ser eleita democraticamente chefe de Estado

“No dia seguinte – contou à BBC – tudo voltou ao normal, mas com a consciência de que as mulheres são, tal como os homens, pilares da sociedade. Tantas empresas e instituições pararam, que isso mostrou a força e a necessidade das mulheres e mudou completamente a forma de pensar.”

Cinco anos depois, em Junho de 1980, Vigdís foi eleita com 33,8% dos votos e bateu três candidatos homens, que tiveram 32,3%, 19,8% e 14,1%. Tornou-se tão popular que foi reeleita sem oposição nas duas eleições seguintes.

Essa foi a primeira mudança, mas, conta a BBC, a seguir veio o resto: “Listas eleitorais compostas exclusivamente por mulheres surgiram nas eleições legislativas de 1983 e, ao mesmo tempo, um novo partido, a Aliança das Mulheres, conquistou os primeiros lugares no parlamento. Em 2000, foi introduzida a licença de paternidade remunerada para os homens e, em 2010, o país elegeu a primeira mulher

primeira-ministra, Johanna Sigurdardóttir – a primeira chefe de Governo assumidamente gay do mundo.”

Este era um balanço possível em 2015, mas há outras formas de verificar o efeito da greve das mulheres de 1975 a longo prazo.

Há 16 anos consecutivos que a Islândia é o país com maior igualdade de género do mundo e n.º 1 no ranking internacional do *Global Gender Gap Report*, publicado pelo Fórum Económico Mundial. Neste momento, é a única economia que conseguiu reduzir mais de 90% da desigualdade de género.

Podemos argumentar que as mulheres islandesas conquistaram o direito ao voto sem restrições em 1920 ou que os nórdicos estão sempre nos primeiros lugares destes rankings e que, por isso, não foi só a greve das mulheres que mudou as coisas. Verdade. O facto é que no início deste índice mundial eram sempre a Suécia, a Noruega e a Finlândia nos primeiros lugares e que há 16 anos que é a Islândia.

Ao contrário da maior parte dos problemas graves do mundo, a desigualdade de género tem soluções conhecidas. Podia começar-se pela diferença salarial. Em 2021, escrevi sete *Coffee break* sobre isso, não me vou repetir. Mas é notório que entre 2006, ano do primeiro relatório, e 2025 quase nada mudou em

66

Há 50 anos, as mulheres pararam a Islândia para exigir direitos iguais aos dos homens

Portugal a este nível: há 20 anos, estávamos em 33.º lugar; agora, estamos em 34.º.

Lembrei-me disto depois de ter visto esta semana Isabel Furtado, CEO da TMG Automotive, quase a chorar em público quando falou do marido e dos filhos. Furtado estava num palco, com um microfone e centenas de pessoas à frente, e ficou tão comovida que teve de parar e respirar fundo duas ou três vezes antes de conseguir retomar a palavra.

Considerada uma das personalidades mais proeminentes da indústria têxtil e automóvel em Portugal, a empresária de Vila Nova de Famalicão foi homenageada esta semana com a atribuição do grau de doutor *honoris causa* pelo Iscte – Instituto Universitário de Lisboa (o engenheiro Carlos Salema e a jornalista do PÚBLICO Teresa de Sousa receberam o mesmo título no mesmo dia) e, quando chegou à frase em que agradecia o apoio do marido e dos filhos, comoveu-se e ficou uns segundos em silêncio até se recompor. Parou no momento em que dizia qualquer coisa como “e eles apoiaram-me sempre quando eu estava fora de casa a trabalhar”. Pensei: que homem no mundo iria comover-se ao dizer isto sobre a sua família?

Voltamos sempre ao mesmo: se os homens trabalham muito, é porque são profissionais dedicados; se as mulheres trabalham muito, é porque são más mães e não cuidam da família. Mesmo quando não acreditamos nisto, sabemos que é isto que a sociedade diz.

E assim proponho, agora que celebrámos os 50 anos do Dia de Folga das Mulheres islandesas: façamos um dia de greve das mulheres portuguesas em 2026. Que bonito seria ver Portugal parado para pedir mais igualdade entre homens e mulheres.

Jornalista. Escreve ao sábado